

A terra dura: potências do sonho e arte

Atravessamos um momento de crises políticas, sociais, ambientais e econômicas agudas, no qual se torna evidente que o território mais pantanoso conquistado pelo tecnocapitalismo é o nosso desejo. Não apenas o país, mas os corpos foram e são sistematicamente colonizados. Muitas vezes, parece que estamos perdendo a capacidade de imaginar que as coisas podem ser diferentes; de desejar outras formas de existência e coexistência; de construir projetos viáveis de sociedade; de acreditar na potência da ação política coletiva. Por outro lado, as vozes dissidentes de povos ou grupos que sempre resistiram bravamente nas margens do capital começam a conquistar mais espaços. Como a produção e a pesquisa artísticas têm aprendido com as práticas de resiliência, drible e luta dos povos da floresta, dos quilombolas, dos movimentos populares nas ocupações urbanas, das feministas comunitárias de Abya Yala, dos zapatistas, dos movimentos LGBTQ+, entre outros? Uma das primeiras coisas que essas vozes múltiplas ensinam diz respeito à importância de alimentar “outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho”, como diz Ailton Krenak. Sonhar, não como fantasia individual, mas como método coletivo para disputar estética, teórica e politicamente pelos territórios materiais e simbólicos da imaginação e da produção de mundos. Como a arte entra nessa disputa pela libertação dos corpos e subjetividades capturados pelo sistema que os oprime e criminaliza suas diferenças?

Os artigos e ensaios deste dossiê passam pelos mais diversos temas e percursos em busca de pistas para abordar essa pergunta. Começando pelo artigo de Alice de Carvalho Lino, que procura as potências do sonho e da arte nas práticas artísticas rituais realizadas no Candomblé da nação de Ketu, como os cantos entoados para os Orixás, as danças coreografadas, os toques dos atabaques e as indumentárias. Essas práticas são relacionadas com a fruição do axé, potência inerente à

vida, capaz de transformar e realizar, processo criador que assegura o desenrolar da própria existência.

Na sequência, Mariana Vogt Michaelsen e Alessandra Guterres Deifeld problematizam a língua oficial do Brasil, o português, uma marca colonial, e a língua do paladar, que degusta e saboreia os alimentos. Falando (de) duas línguas e de um manifesto contra o apagamento de outras tantas, o Potyguês apresentado por João Nyn, as autoras tateiam o que é possível criar por entre elas.

Guilherme Altmayer reflete sobre modos de escrita de histórias sexo e gênero dissidentes a partir de práticas artísticas, em diálogo com diversos manuscritos de Hélio Oiticica e um exercício experimental acerca do termo tropicuir, inspirado no manuscrito Tropicamp de Oiticica. A partir de reflexões queer e cuir, o texto aborda produções estéticas insurgentes de pessoas gênero e sexo dissidentes como máquinas geradoras de subjetivações contranormativas e memórias coletivas de existências historicamente invisibilizadas.

O artigo de Mateus Raynner André de Souza também parte de reflexões sobre uma estética do axé, pensada como modo de resistir ao plantationoceno. A Plantation, implantada durante o regime colonial europeu, modificou as formas de pensar, ver, cultivar e tecer relações. No texto, ela é abordada como figura paradigmática e conceitual para pensar a redução da pluralidade ontológica das expressões artísticas na modernidade.

Em Sonhar a terra, suspender o céu: políticas do sonho para noites brancas, Francisco Freitas reflete sobre as imagens do fim que se manifestam em sonhos e atravessam o imaginário ocidental, ativadas com intensidade na pandemia. A partir de Ailton Krenak e Davi Kopenawa, ele analisa os sonhos como outra forma de conhecimento e de relação com a realidade. Diante dos fins dos mundos, da queda do céu, a política indígena dos sonhos é uma pista para outras perspectivas de transformação dos corpos e da realidade.

O artigo de Ananda Carvalho e Larissa Megre Wanderley Cordeiro investiga posturas curatoriais decorrentes das recentes discussões e revisões da História da Arte, assim como dos acervos de museus, a partir de entrevistas realizadas com curadoras brasileiras. As autoras apresentam diferentes abordagens curatoriais e teóricas que assumem posturas ativistas e de recuperação de nomes e obras de artistas historicamente discriminados.

Pensando a partir das reflexões sobre o Antropoceno, Leonardo Rodrigues sugere uma mudança de paradigma em curso no interior de um dos modelos teóricos mais influentes nos debates estéticos contemporâneos: a ideia de “estética relacional” concebida por Nicolas Bourriaud. O caminho da estética relacional à estética relacionante é colocado como modo de rever a primazia das relações inter-humanas.

Bárbara Lissa de Campos, Maria Vaz e Rachel Cecília de Oliveira apresentam uma análise do desastre ocorrido em Córrego do Feijão (Brumadinho- MG) a partir do trabalho visual Quando o Tempo Dura um Tonelada. Enfatizando a importância de reconstituir os acontecimentos e traumas do passado para que seja possível construir outros futuros, as artistas dão corpo aos fantasmas deste local devastado pela ganância da mineração e encoberto pela lama.

Um caminho próximo é traçado por José Milton Turcato em seu ensaio gráfico, constituído por um conjunto de representações visuais em xilogravura criadas a partir dos sentimentos vivenciados durante visitas às cidades de Mariana e Brumadinho, após os derramamentos de lama de barragem de mineradoras de ferro.

A força política das imagens também é ativada na obra Desarmar o Brasão de Guatemala, proposta por Rocio Francela Reyes Carrera como releitura teórica e prática sobre a independência da Guatemala. Retirando símbolos de violência, morte e conquista do brasão oficial, a artista abre espaço para elementos de revolução, liberdade e força das lutas coletivas dos movimentos populares indígenas.

Finalizando o dossiê, o ensaio visual de Dariane Martiól apresenta uma série de fotografias manipuladas digitalmente em um software de bordado que mostram uma dança entre mãe e filha. A artista aposta na potência da narração de si enquanto ato erótico e na compreensão do erotismo como um posicionamento diante do mundo, que diz respeito a dimensão estética, ética e política da vida em sociedade.

Esperamos que o conjunto de artigos e ensaios que compõe este dossiê revele a multiplicidade dos caminhos que alimentam resistências à colonização tecnocapitalista das nossas existências. As potências do sonho e da arte dizem respeito à criação de espaços em que possamos pensar, escutar, sentir, ver, cheirar, inspirar e expirar para além dessa terra dura. Alimentar essas potências é importante para criar alianças entre as lutas, das mais antigas às mais novas, que combatem transversalmente as várias formas de opressão – ambiental, tecnológica, epistemológica, estética, de raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência, geração, território, religião, espécie... – e buscam desencadear alternativas tangíveis.

Alice de Carvalho Lino, Debora Pazetto, Marta Martins